

## TRADUÇÃO E PARATEXTO NA LITERATURA ÁRABE CLÁSSICA

### TRANSLATION AND PARATEXT IN THE CLASSIC ARABIC LITERATURE

Prof. Dr. Ronaldo Lima (USP/UFSC/PGET)

#### Resumo

Se, por um lado, as traduções garantem a sobrevivência do texto; por outro lado, também o modificam, justificando o empenho científico em recompor fragmentos, definir escolhas, recriar o texto e apresentá-lo à leitura. Neste artigo, o paratexto é examinado a partir do trabalho realizado por Mamede Mustafa Jarouche (1963) sobre duas obras clássicas da literatura de língua árabe em prosa, a saber: *O livro do Tigre e do Raposo* de Sahl Bin Harun (830 d.C.) traduzido em 2010 e *Kalila e Dimna* (séc. VIII d.C.) de Ibn Almuqaffa<sup>o</sup> (724 d.C.) lançado em 2005. Além de oferecer o texto traduzido, Jarouche adota a paratextualidade como procedimento para atribuir *sangue novo* à obra fenecida (FALEIROS, 2011). Trata-se de prefácios, notas explicativas, alusões, remissões, cujas imbricações com o texto de base abrem espaços discursivos multiculturais. Com efeito, os *embrayeurs* (JAKOBSON, 1963) são peças fundamentais à compreensão das modulações que operam sobre o *ego*, o *nunc* e o *hic* (eu, agora, aqui) do espaço diegético, a partir dos quais se infere a necessidade de negociação entre as coordenadas que abrigam autores e leitores.

**Palavras-chave:** *Tradução literária; literatura árabe; paratextos; discursos multiculturais.*

#### Abstract

If, on the one hand, translations guarantee the survival of the text, on the other hand, they also modify it, which justifies the scientific engagement in reorganizing fragments, defining choices, recreate the text and submit it for reading. In this article, the paratext is studied from the work by Mamede Mustafa Jarouche (1963) done on two classical literature works of Arabic prose, namely: *O livro do Tigre e do Raposo* by Sahl Bin Harun (830 d.C.) translated in 2010 and *Kalila e Dimna* (century VIII a.C.) by Ibn Almuqaffac (724 a.C.) released in 2005. In addition to providing the translated text, Jarouche accepts the paratext method as a way of inserting new blood to the former work (FALEIROS, 2011). It is related to prefaces, explanatory notes,

allusions, references, whose connections with the base text open multicultural discursive spaces. Actually, *embrayeurs* (JAKOBSON, 1963) are fundamental pieces for the understanding of the modulations that operate on the **ego**, the **nunc** and the **hic** (I, now, here) of the diegetic space, from those we deduce the need of the negotiation between the coordinates that hold authors and readers.

Keywords: Literary Translation; Arabic literature; paratexts; multicultural discourses.

## 1. Introdução

Nas duas últimas décadas os trabalhos em Estudos da Tradução, enquanto disciplina acadêmica, vêm se desenvolvendo voltados prioritariamente à: (i) *teoria*; e (ii) *crítica*. Outrossim, as bases método-epistemológicas que sustentam as investigações científicas em tradução se baseiam, na maior parte dos casos, em modelos estrangeiros que preconizam o foco sobre as duas atividades citadas. Diante desse quadro, progressivamente surgem propostas para a criação de suportes teóricos nacionais, adaptados às configurações históricas, culturais e políticas brasileiras e voltados a um terceiro eixo: (iii) *a prática*. Essa terceira atividade decorre prioritariamente das experiências individuais do tradutor, de suas idiossincrasias, de seus *modus operandi*, como respostas à resolução de problemas. Quando exercido como atividade profissional, o trabalho de tradução ainda deve observar eventuais restrições políticas determinadas pelos mercados editoriais. Tradicionalmente, ao ser editado, o texto final traduzido raramente aparece acompanhado de apontamentos autorais, resultados das pesquisas realizadas pelo tradutor, essenciais à leitura da obra. A apresentação de textos introdutórios, explicativos, decorrentes do trabalho de tradução não é uma prática corrente.

Transpor o texto para outro código, recriá-lo, implica *interpretação* – considerada aqui na perspectiva de Seleskovich & Lederer (1984). Sem a compreensão aprofunda do papel exercido por elementos internos e externos ao texto sua reexpressão se torna impossível. Do mesmo modo, sua recepção depende, em grande medida, de sua apresentação, principalmente quando se trata de obras traduzidas de modo indireto e a partir de fontes diversas, como é o caso das obras aqui consideradas. Tais asserções conduzem a uma reflexão mais profunda sobre os aportes que a adoção do paratexto, enquanto conjunto de técnicas tradutológicas, pode gerar tanto em relação ao trabalho do tradutor, quanto em relação à recepção do texto pelo leitor.

O termo *paratexto* foi lançado por Gérard Genette (1982, 2009), primeiramente integrado aos Estudos da Linguagem e, posteriormente, aos Estudos da Tradução, sem significar, no entanto, que se introduziria um novo procedimento tradutológico aplicável a qualquer tipo de material textual. Os chamados *textos paralelos*, *explicativos* ou *informativos* na verdade constituem conjuntos de ações implícitas e inerentes a toda e qualquer atividade tradutória. Todavia, tais produções geralmente permanecem como

apanágio do tradutor como material de arquivo pessoal. A apresentação de tais apontamentos, mesmo daqueles que poderiam ser essenciais à leitura, ainda não se tornou prática do mercado editorial.

Observa-se que já na segunda metade do século XIX o tradutor maranhense Odorico Mendes (1799-1864) adotou a paratextualidade para a apresentação das obras que traduziu. Sua tradução da *Iliada* de Homero, por exemplo, apresenta grandes volumes de materiais paratextuais que acompanham a obra editada. Na atualidade, na linha de Odorico Mendes, tradutores como Mamede Mustafá Jarouche, professor do Departamento de Letras Orientais da Universidade de São Paulo (USP), adotam recurso similar, propondo textos direcionados à recepção da obra.

Faleiros (2011), enquanto tradutor de poesias e teorizador de tradução literária, ao reunir fragmentos que pudessem contribuir para a composição de uma história da tradução literária no Brasil, identificou o fenômeno da paratextualidade em Odorico Mendes, comparando seu trabalho, do século XIX, com as composições de Jarouche. Logo, o conjunto da produção Odorico Mendes antecede a instauração dos modelos teóricos atualmente conhecidos, que tratam do paratexto como recurso à apresentação da obra. De forma similar ao trabalho de Odorico Mendes, as traduções de Jarouche, realizadas sobre textos clássicos seminais e fundamentais da literatura de língua árabe, se desenvolvem de forma original, em resposta às necessidades que o processo de recriação exigiu, sem compromisso aparente com os modelos restritos, que estipulam a adoção de categorias paratextuais. O objetivo de Jarouche parece ter sido o de conservar o caráter sensível dos conteúdos veiculados nos textos consultados, bem como manter [...] “a agudez do original, a precisão lexical de suas expressões e singularidades da modulação frasal” (JAROUCHE, 2010, p.25).

Faleiros (op. cit), empregando uma metáfora pedagógica para tratar da tradução como recriação literária, compara a operação de transferência de código, isto é, a reexpressão do texto, a um processo de vampirização. Sob a ótica do autor, determinados textos – fenecidos em suas bases pela inexorabilidade do tempo, mas preservados por metamorfoses decorrentes de suas reescrituras – reflorescem ao receber sangue novo. De preferência, sangue do mesmo tipo, isto é, empenho de poetas tradutores cuja preocupação seria justamente a de preservar a memória dos escritos. Nesse sentido, uma vez reidratados, os textos reexpressos experimentariam os insumos de que necessitam para renascer diante de novos ares e de novos olhares, tal como propõe Jarouche (op. cit.). Ao mesmo tempo em que mantêm suas essências de base, sustentado por seus paratextos, o texto reavivado se apresenta melhor às novas recepções. Naturalmente, a metáfora pedagógica proposta por Faleiros poderia ser aplicada a outras expressões estéticas, uma vez que as recriações, os arranjos, as restaurações, são aportes que garantem a manutenção e presença das artes, evitando seu evanescimento, tanto no meio cultural, quanto nos espaços políticos.

Muito embora o paratexto venha sendo tratado por pesquisadores da tradutologia, como Rónai (1981), Hattnher (1985), Berman (1995), Even-Zohar (1990), Venuti (1995), Barbosa (2004) e, também, por estudiosos de orientação literário-discursiva e adeptos das abordagens restritas, como Genette (1982, 1987) e

Yuste Frías (2010), cujos trabalhos instauraram a noção de paratexto no campo dos estudos linguístico-literários, o paratexto de Jarouche (2010) parece se desenvolver sem compromisso com os modelos teóricos, como os acima citados. Sua proposta emerge em função das necessidades decorrentes da transferência do texto árabe para o leitor lusófono. Nesse sentido, as duas obras em questão, a saber: *O livro do Tigre e do Raposo* de Sahl Bin Harun (830 d.C.) traduzido em 2010, e *Kalila e Dimna* (séc. VIII d.C.) de Ibn Almuqaffa° (724 d.C.) lançado em 2005, constituem foco de pesquisas para a descrição de procedimentos voltados à resolução de questões tradutológicas que decorrem, ao mesmo tempo, (i) das fricções entre os pares de língua; (ii) e das implicações inerentes à transposição de textos antigos para públicos leitores do século XXI de língua portuguesa.

A proposta de trabalho de Jarouche (2010), examinada à ótica de Faleiros (2011), permite considerar o paratexto como recurso textual-tradutológico, fundido ao texto traduzido, com vistas a otimizar sua recepção diante do leitor atual. A tradução de textos clássicos antigos, sobretudo daqueles provenientes da tradição oral em suas bases mais longínquas, impõe configurações inerentes que os distanciam das formas de expressão e apreensão formais, exigindo intervenção para sua apreensão. Os universos pragmáticos, referenciais, necessários à ancoragem da obra recriada, são representados, em grande medida, em função das intervenções engendradas pelo tradutor que exerce a função de *embrayeur* entre o texto de partida e o texto de chegada. De maneira complementar, a aceitação da metáfora sugerida por Faleiros relativa à questão da concessão de “sangue novo” à obra fenecida, remete ao estado final editado das duas obras compiladas e lapidadas por Jarouche, aqui em questão: *O livro do Tigre e do Raposo* de Sahl Bin Harun (830 d.C.) de 2010 e *Kalila e Dimna* (séc. VIII d.C.) de Ibn Almuqaffa° (724 d.C.) de 2005.

## 2. O paratexto em *O Livro do Tigre e do Raposo*

A partir do século VIII, os povos de língua árabe produziram uma série de tratados políticos cuja função era de orientar a conduta dos governantes. Alguns desses manuais políticos foram escritos como fábulas. De acordo com Jarouche (2010), esses textos reflexivos colocam em discussão as relações de troca entre poderosos e seus súditos. De forma sucinta e parafraseada, *um povo será tanto mais obediente quanto mais justo for seu governante*. Outrossim, atenta-se para o fato de *o poder suscitar desvirtuamento da conduta do governante, logo sobressai sua obrigação em controlar cobiças e paixões*.

A partir de um olhar particular à tradução da obra *Kitab Al-Namir wa Al-Tha'lab*, de Sahl Bin Harun (830 d.C., i.e.: séc. IX), realizada em 2010 por Jarouche, intitulada em português *O livro do Tigre e do Raposo*, observa-se a presença marcante do fenômeno da paratextualidade, cujas extensões e atrelamentos, no caso deste artigo, permitem caracterizá-lo, como:

- (i) uma obra à parte, decorrente dos estudos do autor-tradutor;
- (ii) ou ramificação textual indissociável da obra de base, cujas raízes se cruzam, remetem e se fundem, ao mesmo tempo, tanto aos manuscritos de base, quanto ao texto editado.

No primeiro caso, não há argumentos suficientes para defender a atribuição de fronteiras estanques entre o paratexto (i.e. introdução, prefácio, notas, etc.) e o texto final. Tal estratificação refletiria o estado da obra traduzida, posto que consiste de trabalho cognitivo intelectual integrado, decorrente de prática tradutológica baseada nas necessidades de se implantar elementos *embrayeurs* entre o texto e o leitor. Tratando-se de esforço declarado, não há possibilidade de se omitir ou destacar o paratexto da obra traduzida. No segundo caso, o registro formal de resultados de pesquisas em formato de paratextos seria suficiente para firmar as indissociáveis relações que se estabelecem entre texto editado e os paratextos. Sob este prisma, os textos anexos à tradução de *O livro do Tigre e do Raposo* estão alinhados, imbricados e formalmente fundidos à obra traduzida, constituindo parte integrante do texto editado.

O paratexto de Jarouche (ibid) se pauta, em primeiro lugar, como recurso para ancorar a obra em um contexto pragmático, permitindo reforçar os sentidos gerais atribuídos ao verbo pelo leitor. Na mesma linha, a paratextualidade explicita as adequações que brotam do trabalho tradutório e que exercem o papel de chave política às articulações necessárias à circulação do texto reexpresso junto às instâncias editoriais e, por extensão, junto ao público leitor consumidor. Em segundo lugar, tal recurso constitui uma resposta às indispensáveis mediações culturais e históricas que definem o paratexto como *embrayeur* destinado a promover o amortecimento das fricções quando do contato do leitor com as impressões que brotam a partir do texto de base. O exame do paratexto permite pôr em evidência negociações de natureza política, cultural e linguística, geradas a partir da confrontação entre o árabe e o português. Ao mesmo tempo, o paratexto atualiza a leitura tanto por meio das reformulações que recebe, quanto por intermédio dos materiais que o envolvem, ou seja, capa, orelha, apresentação, prólogo, notas, dados sobre o autor, informações sobre a obra, sobre a tradução, sobre a transcrição de palavras em língua estrangeira.

Em *O livro do Tigre e do Raposo*, destacam-se, nas 20 páginas introdutórias, 35 notas. Nas 90 páginas de texto traduzido são apresentadas mais 166 notas. Nos paratextos introdutórios, o tradutor ativa recursos *embrayeurs* para modular a zona de transição que separa o *ego*, o *nunc* e o *hic*, inerentes à obra, dos elementos equivalentes que circunscrevem o *eu*, o *aqui* e o *agora* que circunscrevem o leitor. Esta capacitação imediata e *in loco*, por si só, abre vias para que a atividade de leitura permita plotar contextos pragmáticos indispensáveis à ancoragem da obra nas representações decorrentes. Nas notas, o autor-tradutor explicita suas escolhas durante o processo de reexpressão, orientando a leitura. Trata-se de observações

referentes a restrições que emergem do confronto do par de línguas árabe/português; referências a outras traduções consultadas; apontamentos históricos e culturais; bem como estabelecimento de relações intertextuais entre a obra e outros trabalhos que influenciaram as composições. No caso de *O livro do Tigre e do Raposo*, seu autor, Harun (830 d.C.), parece ter se baseado no sistema ético da obra de Ibn Almuqaffa<sup>c</sup> (724 d.C.) para compor seu trabalho, em particular na obra *Kalila e Dimna* (séc. VIII d.C.), texto também traduzido por Jarouche em 2005.

Com base em Mittmann (2003) é possível estratificar as notas de Jarouche em três grandes categorias:

- (i) recurso auxiliar ao leitor, no processamento do texto traduzido, com vistas à resolução de questões tradutológicas de solução complexa diante do *continuum* e linearidade inerentes ao discurso escrito. Tal visão é defendida por Rónai (1981), Hattner (1985) e Barbosa (2004);
- (ii) fórum privilegiado para se analisar a atuação do tradutor, justamente por constituir espaço no qual se pode “ouvi-lo”, tal como defende Duke (1993). Aliás, observa-se aqui proposta contrária a de autores que defendem a *morte* ou a *invisibilidade* do tradutor, respectivamente: Barthes (2004) e Venuti (1995);
- (iii) como um canal de exposição da produção tradutológica, sinalizando a fecundidade das pesquisas do tradutor, cujas remissões apontam para outras fontes informativas destinadas ao aprofundamento de aspectos linguísticos ou literários, tal como postulam Berman (1995; 2002) e Cesar (1999).

Seguem alguns exemplos:

Disse Sahl Bin Harun: ‘O cálamo é o nariz da consciência; se acaso ele sangrar, divulgará os segredos dela e lhe iluminará os rastros’.<sup>16</sup> (OLTR, JAROUCHE, 2010, p.15).

<sup>16</sup>Idem, v.5, p. 409. Onde se traduziu “nariz” consta “língua”, mas como a anedota está registrada em outras fontes, o texto foi retificado. Deve ser “nariz” porque o verbo que segue (ra<sup>a</sup>afa) significa “sangrar pelo nariz”. (OLTR, JAROUCHE, 2010, p.15).

Além de traduzir diretamente do árabe, Jarouche consulta trabalhos de outros tradutores, de forma não somente a cotejar suas impressões de forma contemplativa, mas igualmente como recurso para utilizar as oposições em prol de reflexões mais profundas que permitam a recomposição do texto original. No exemplo acima o tradutor discute uma questão de precisão lexical, cuja forma e sentido decorrentes, segundo Jarouche, talvez tenham sido alterados.

Na passagem abaixo o tradutor se detém à clarificação de um termo chave na trama da obra:

Ó Abu Assabah, a tua situação é toda bela e tuas ações todas provêm do arrojo e da boa administração,<sup>6</sup> [...] (OLTR, JAROUCHE, 2010, p. 31).

<sup>6</sup>. “Administração” traduz (tadbir), termo problemático discutido com algum detalhe em obra anteriormente traduzida (*O Leão e o Chacal Mergulhador*, 2009, pp. 227-228). Devido a essa dificuldade, quase uma inadequação, sempre que se utilizar o termo ou um de seus cognatos, ele será marcado com itálico. (OLTR, JAROUCHE, 2010, p. 31).

Jarouche, na nota 6, acima, remete à tradução da obra *O Leão e o Chacal Mergulhador*, em cujo trabalho o mesmo termo também foi analisado. Em consulta à referida obra, observa-se que a nota à qual o tradutor se refere (n. 24, pp. 227-228) corresponde ao excerto: [...] *tal como deve o rei despendar por seus súditos aquilo que lhes melhora a situação relativamente à administração*<sup>24</sup> (p. 30). A nota ocupa duas páginas que, em virtude dos limites deste artigo, não será apresentada. Cabe, no entanto, salientar a intertextualidade entre paratextos.

Entre outros recursos, o tradutor também remete a citações de provérbios, dizeres e trechos de poetas que fixam no texto tradições islâmicas e pré-islâmicas:

E como proteger o dorso da montaria?<sup>24</sup> (OLTR, JAROUCHE, 2010, p.35).

<sup>24</sup>Trecho de poesia atribuída a Almutalammis, alcunha de Jarir Ibn<sup>c</sup> Abdilmasih, poeta pré-islâmico de provável origem cristã morto por volta de 569 d.C., da região que atualmente corresponde ao estado de Bahrein, nordeste da Península Arábica. (OLTR, JAROUCHE, 2010, p.35).

### 3. O paratexto em *Kalila e Dimna*

Da mesma forma que *O livro do Tigre e do Raposo*, *Kalila e Dimna* é uma obra atemporal. No lugar da fórmula “era uma vez...” (*Il était une fois...*; *Upon once a time...*), Almuquaffa<sup>o</sup> adota procedimento de introdução ligeiramente diferente. A personagem que narra determinado fato no interior da trama, depois de discorrer sobre dado tema, chama a atenção de seu interlocutor, atizando sua curiosidade e conduzindo-o a pronunciar o seguinte questionamento: “e como foi isso?” Responde, então, o narrador: “Conta-se que... (por exemplo) *certa terra de elefantes sofreu anos a fio com a estiagem*” [...] (KD, p. 145). Aparentemente, Harun teria se inspirado no trabalho de Almuquaffa<sup>o</sup> para compor o seu, sobretudo em relação ao sistema ético praticado pelo primeiro. Na nota 34 da obra de Harun, Jarouche explicita prováveis semelhanças entre os dois autores:

Disse o raposo:

Ó Abu Alfira’, *para satisfazer-se não é necessário abocanhar tudo*<sup>33</sup>: quem não vive obscuro nem desprestigiado e faz o bem a si mesmo e aos amigos terá vida longa, ainda que curta seja sua vida, e quem vive em apuros e não faz o bem nem a si mesmo terá vida curta, ainda que longa a seja sua vida.<sup>34</sup> (OLTR, JAROUCHE, 2010, p.39-40).

<sup>34</sup> “Quem não vive [...] a vida”: discurso muito assemelhado ao do ambicioso chacal Dimna no fabulário *Kalila e Dimna*, traduzido ao árabe em meados do século VIII d.C. (cf. *Kalila e Dimna*, São Paulo, 2005, p.49). O parágrafo, devidamente atribuído a Sahl Bin Harun, é citado por inteiro em (*Attadkira Alhamduniyya*), “As Apostilas de Hamdun” (v.I, p. 259). Doravante, essa obra será referida AT. (OLTR, JAROUCHE, 2010, p.40).

As notas do tradutor colocam em evidência que tanto as composições de Almuquaffa<sup>o</sup>, quanto as de Harun se erguem a partir de longas tradições que remontam à cultura indiana (cf. Pañcatantra) e persa. Muitas passagens reproduzem citações do Alcorão e trazem ao leitor ensinamentos sobre maneiras de como se portar em sociedade. Os fabulários políticos provavelmente ocultam, sob as figuras de animais, intenções prementes e locais, no sentido de instaurar regras mais justas para o bem comum. O paratexto do tradutor torna-se essencial não somente para que se possa compreender parte das complexas tramas nas quais estes textos surgiram, mas sobretudo para que o leitor possa criar suas representações a respeito da obra, em relação a seu contexto. Paralelamente, *O livro do Tigre e do Raposo*, no mesmo patamar de *Kalila e Dimna*,



também reproduz um sistema ético, quase sacro, baseado em experiências do convívio social que, em certo sentido, permanecerão atemporais.

#### 4. Considerações finais

O paratexto como recurso tradutológico se manifesta em ambas as obras traduzidas por Jarouche (2010). A intertextualidade, como fenômeno situado em patamar mais amplo, se caracteriza nas frequentes remissões a outras obras e autores, evocando não somente outros textos literários, mas também os paratextos do autor-tradutor redigidos no processo de tradução de outras obras árabes clássicas. A cada instante, Jarouche remete seu leitor ao universo referencial que permeia seu trabalho bibliográfico, linguístico e histórico. Além de ser impossível estabelecer quaisquer fronteiras entre os dois textos de base examinados, em suas recriações e nos paratextos decorrentes da tradução, observam-se remissões a notas de outras obras traduzidas, como *O Leão e o Chacal mergulhador*, lançada por Jarouche em 2009.

O fenômeno da paratextualidade carece de mais estudos que busquem tratá-lo do ponto de vista teórico e metodológico com vistas aos trabalhos de tradução literária. As obras de autores como Odorico Mendes (1799-1864) e Jarouche (2005, 2010) evidenciam a importância de traduzir textos clássicos antigos acompanhados de subsídios que permitam ao leitor ancorar o texto pragmaticamente. Os sentidos atribuídos ao verbo fenecido, ou por vezes até mesmo evanescido, precisam encontrar ecos referenciais que garantam seu reflorescimento circunscrito nos universos culturais percorridos em suas composições, tal como aponta Faleiros (2011). Mesmo que a prática de leitura não linear de obras impressas não constitua tradição, trata-se de um exercício a ser desenvolvido, isto é, o acesso às notas aparentemente aqui, conduz à interrupção do processo de leitura, gerando a impressão de quebra no fluxo “lógico” das ideias. Conhecer uma obra permeada por suas essências de base implica abarcar seus entornos. Mais que isso, trata-se de uma espécie de ritual necessário à identificação de brechas e janelas a partir das quais se pode contemplar outros textos e os universos para os quais apontam.

#### Referências

BARBOSA, H. G. **Procedimentos técnicos da tradução**: uma nova proposta. Campinas: Pontes Editora, 2004.

BARTHES, R. A morte do autor. In: **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BERMAN, A. **A prova do estrangeiro**: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin. Tradução de Maria Emília Pereira Channut. Bauru: EDUSC, 2002.

BERMAN, A. **La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain**. Paris: Editions Gallimard, 1995.

CAMPOS, H. de. **Metalinguagem**: Ensaios de teoria e crítica literária. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970.

CESAR, A. C. **Crítica e tradução**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

DUKE, D. A. **Traçando os rumos da nota do tradutor**: o caso de O mundo se despedaça. 1993. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, São Paulo, 1993.

EVEN-ZOHAR, I. Polysystem Theory. In: **Polysystem Studies**, Poetics Today, 1990.

FALEIROS, A. S. **A tradução de poesia no Brasil**: a invenção de uma tradição. Palestra proferida no Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – PGET. Florianópolis, 29 de julho de 2011.

GENETTE, G. G. **Palimpsestes**. La littérature au second degré. Paris: Seuil, 1982.

GENETTE, G. G. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

HATTNER, A. **Nota de pé de página:** alicerce fundamental da tradução. Tradução & Comunicação, São Paulo, UNIBERO, n.6, p. 98-100, jul. 1985.

JAROUCHE, M. M. (Org.). **O leão e o chacal Mergulhador.** 1. ed. São Paulo: Editora Globo, 2009.

JAROUCHE, M. M. (Org.); ALMUQAFFA, A. I. (Org.). **Livro de Kalila e Dimna.** 1a. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

JAROUCHE, M. M. (Org.); HARUN, S. B. (Org.). **Livro do Tigre e do Raposo.** 1. ed. São Paulo/Madrid: Amaral Gurgel Editorial, 2010.

JAROUCHE, M.M. “Nota introdutória: ramos (e florestas) entre o Cairo e Damasco”. In: Mamede Mustafa Jarouche. (Org.). **Livro das mil e uma noites** - volume II. São Paulo: Globo, 2005.

MITTMANN, S. **Notas do tradutor e processo tradutório:** Análise e Reflexão sob uma Perspectiva Discursiva. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

RÓNAI, P. **A tradução vivida.** 2.e. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

SELESKOVITCH, D. & LEDERER, M. **Interpréter pour traduire.** Paris: Didier Érudition, 1984.

VENUTI, L. **The Translator’s Invisibility.** A History of Translation. Londres/New York: Routledge, 1995.

YUSTE FRÍAS, J. Au seuil de la traduction: la paratraduction. In: NAAIKENS, T. [ed.] **Événement ou Incident. Du rôle des traductions dans les processus d’échanges culturels,** Bern, Berlin, Bruxelles, Frankfurt am Main, New York, Oxford, Wien: Peter Lang, col. Genèses de Textes-Textgenesen (Françoise Lartillot [dir.]), vol. 3, pp. 287-316, 2010.